

Espiritualidade e Catequese: Desafios e Perspectivas

Robson Stigar ¹

Vanessa Roberta Massambani Ruthes ²

Resumo: Procuramos neste rápido artigo refletir sobre os desafios da espiritualidade e da catequese nas grandes cidades. O processo de Globalização, o consumismo e a falta de sentido são elementos das diversas culturas da população mundial que começaram a fazer parte de nosso dia a dia, estes que nem sempre vem ao encontro da doutrina cristã, promovendo muitas vezes uma inversão de valores daquilo que é bem e mal para aquela comunidade local. Assim para poder-se compreender e refletir melhor sobre toda esta situação e os desafios que o catequista deve enfrentar com sabedoria e força, será feita uma pequena incursão na história para demonstrar como toda esta situação se formou procurando analisar suas consequências estudar-se-á a estrutura do pensamento humano, para assim poder-se traçar um ou mais métodos de catequese com a finalidade de: primeiro proporcionar um diálogo e depois desenvolver no catequizando a consciência cristã.

Palavras Chave: Catequese, Desafios, Ensino Religioso, Perspectivas.

Summary: We seek in this quick article to reflect on the challenges of spirituality and catechesis in large cities. The process of Globalization, consumerism and lack of meaning are elements of the diverse cultures of the world population that began to be part of our daily life, which does not always meet Christian doctrine, often promoting an inversion of values of that which is good and bad for that local community. In order to be able to understand and reflect better on all this situation and the challenges that the catechist must face with wisdom and strength, a small foray into history will be made to demonstrate how this whole situation was formed in order to analyze its consequences. the structure of human thought, in order to be able to draw up one or more methods of catechesis in order to: first provide a dialogue and then develop in the catechising of the Christian conscience.

Keywords: Catechesis, Challenges, Religious Education, Perspectives.

Introdução

A atitude de catequizar obedece ao mandamento evangélico: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações, ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi”³. E durante toda a sua história a Igreja Católica vem pregando e defendendo a sua doutrina, as verdades da fé, que são baseadas nos ensinamentos do Cristo. É claro que enfrentou inúmeras dificuldades: as perseguições, as heresias, as ideologias que se

¹ Doutorando em Ciências da religião – PUCSP – robsonstigar@hotmail.com

² Doutora em Teologia – PUCPR – vanessa_ruthes@yahoo.com.br

³ Mt. 28, 19a. 20a.

posicionavam em uma atitude reativa, contrapondo e atacando a religião. E, com toda a certeza, pode-se afirmar que a situação do catequista, na atualidade, é no mínimo semelhante a esta, pois a pluralidade de culturas pelas quais o cristianismo penetrou, se assemelha a condição da cultura atual. Pois por meio do processo de Globalização elementos das diversas culturas da população mundial começaram a fazer parte de nosso dia a dia, estes que nem sempre vem ao encontro da doutrina cristã.

Percorrendo a cidade e considerando os monumentos de vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição: *A um Deus desconhecido*. O que adorais sem o conhecer eu vo-lo anuncio”⁴. E revestido da força de Deus, criticou as ações daquele povo, as quais iam contra a Vontade de Deus: “Se, pois, somos da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao outro, à prata ou a pedra lavrada por arte e gênio dos homens”⁵. Aqui se pode perceber duas questões, a primeira é que o apóstolo se *insere* na realidade do povo que queria catequizar e proporcionando um diálogo, e a segunda é que somente *depois disto* prega as verdades da fé.

É mister também pontuar uma outra questão, que gera grandes danos à religião: o sentimento anticlerical e antirreligioso que permeia esta época, gerando uma inversão nos valores, daquilo que é bem e mal, promovendo um sentimento de mal-estar nas civilizações contemporâneas. Assim para poder-se compreender e refletir melhor sobre toda esta situação e os desafios que o catequista deve enfrentar com sabedoria e força, será feita uma pequena incursão na história para demonstrar como toda esta situação se formou procurando analisar suas consequências estudar-se-á a estrutura do pensamento humano, para assim poder-se traçar um ou mais métodos de catequese com a finalidade de: primeiro proporcionar um diálogo e depois desenvolver no catequizando a consciência cristã.

Incursão Histórica

Antes de discorrer acerca da história é interessante de pontuar que os valores morais, bem e mal, são os que moldam a forma com a qual um povo, uma sociedade, vê a realidade. Por exemplo, os antigos romanos e gregos consideravam a coragem, a luta, a guerra, como coisas boas e edificantes, por isto, se constituíra Estados militares, nos quais as crianças eram destinadas desde cedo à arte da guerra. Já o

⁴ At. 17, 22b-23.

⁵ At. 17, 29.

Ocidente cristão, que possui como valores o amor, a paz, a benevolência, condena-se a guerra e qualquer tipo de violência, e as pessoas são conduzidas a outras práticas. Tendo isto em mente se torna mais fácil à compreensão dos tempos históricos e de suas mentalidades.

Na Idade Média, período que compreende aproximadamente mil anos de nossa história, a Igreja é a Instituição hegemônica, ou seja, que possui mais poder, em todo o Ocidente. Portanto sua moral é aquela que pauta as ações, e os valores desta descendiam, principalmente, da pregação de Cristo do mandamento novo: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amo” como também da promessa feita aos apóstolos: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” Assim para os medievais o mundo descendia de Deus, por Ele e para Ele todas as coisas existem, Ele é a condição de tudo, e toda a condição. No fim da Idade Média novas idéias sobre Deus e o mundo começam a aparecer: um frade inglês Guilherme de Ockham começa a afirmar que Deus não interferia na realidade, que este não passava de uma abstração humana, e que a única certeza do homem derivava da experiência sensível. Esta idéia tomou grandes proporções na modernidade, os valores desceram de uma esfera transcendente para a imanente, em outras palavras, desligaram-se da religião e pautaram-se na vida humana, pura e simples.

É importante afirmar que toda a ciência e a nova estrutura econômica se baseiam nela. O que realmente passa a ter importância não é mais ser, mas **conhecer** a natureza –pois a Razão é aquela que substituiu Deus – e acumular, **ter** bens e dinheiro – pois o lucro é a finalidade última do Sistema Capitalista. As relações entre as pessoas não são mais baseadas no temor a Deus, mas em contratos, estes supervisionados pelo poder do Estado. Com o passar do tempo esta ideia foi se “aperfeiçoando”, novas tecnologias foram sendo elaboradas e desenvolvidas, o ser humano estava no auge de suas descobertas científicas. Contudo ele acabou percebendo que aquilo que pode ser bom, benéfico, como, por exemplo, a energia nuclear o é, pode também pode não ser, pois pode atender a interesses ruins, maléficos, provocando a morte de muitos, como foram as bombas atômicas.

Acabou-se por perceber que o ter e o conhecer não eram tão importantes, pois ambos deixavam transparecer aquilo no que o homem se tornara. Assim o que passou a ser importante foi o **aparecer**, o homem acabou por perder muito de sua essência, e como sepulcros caiados começaram a prezar o exterior, pois era necessário

aparentar ser bom, benevolente. O homem acabou perdendo sua identidade, esvaziando-se de si, tornando-se um objeto que não possui ser, mas aparência.

Paralelamente a este processo tem-se um outro de interação mundial: a Globalização, que em primeiro foi político-econômico, mas que se tornou também cultural. Por meio deste ocorreu e ocorre um grande sincretismo de informações, estas que não são processadas e assimiladas de forma correta causando uma grande alienação nas pessoas. Tratar-se-á da estrutura do pensamento humano posteriormente, mas pode-se adiantar que em tal estado o homem fica apático à realidade, e como tal é manipulado. Manipulado pela ideologia atual – pautada em valores que priorizam a aparência – que exalta e proporciona o prazer puro e simples, aquele contentamento que vem de fora. Que busca preencher um grande vazio que existe na alma humana, mas que não consegue.

Esta é a construção da condição atual da sociedade, rica em conhecimento e em tecnologias, mas carente daquilo que é mais essencial ao homem, o ser. E este é o perfil de muitos de nossos catequizandos, crianças e adolescentes que estão descaracterizados enquanto seres humanos, que buscam, no mero divertimento, a felicidade. E aqui surge uma questão como proporcionar um diálogo com estes, como inserir nesta realidade a proposta da catequese? Para responder a tal vamos primeiro refletir um pouco sobre a dinâmica da cultura atual, denominada de cybercultura e/ou cultura planetária.

A Cybercultura

É deveras arriscado aproximar a cybercultura da cultura planetária, pois as duas possuem pontos de partida e fundamentos diferentes. A primeira é resultado do grande desenvolvimento tecnológico, principalmente das tecnologias de informação, pois estas acabaram por criar uma realidade diferente, virtual, denominada de cyberespaço. Este pode ser entendido à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta (Internet). E, segundo o sociólogo francês Pierre Lévy, “o conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), das práticas e das atitudes (modos de pensamento e valores) desenvolvidos no cyberespaço constituem a cybercultura”.

No que diz respeito à cultura planetária esta se desenvolveu a partir do processo de globalização econômica, quando se começou a entrar em contato com outras culturas, com finalidades comerciais. Ela não é uma cultura mundial, pois não envolve *todos* os povos, países e comunidades, mas somente representantes de todos os continentes. Ela permeia as relações entre as pessoas, que unindo elementos de diversas culturas, modificam sua forma de ver o mundo, de se relacionar com os outros e de acreditar em Deus.

Percebe-se assim que as duas perspectivas de cultura são diferentes, mas elas possuem uma característica em comum, e por meio desta é que aqui se atreve aproximá-las: a descontinuidade. Ambas unem elementos diferentes e antagônicos, que formam uma realidade nova, mas que não se constitui um todo, tem-se um universo de significados, que convivem na mesma realidade, mas que não possuem vínculos de ligação. Nas palavras de Pierre Lévy: “Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, eu a chamo o *universal sem totalidade*”. A palavra universal significa aquilo que abrange todas as coisas, que se estende e abarca todas as realidades. A palavra totalidade, por sua vez, significa a reunião, a soma de todas as partes que constituem o todo. Assim a realidade da cultura atual é esta: abrange realidades de inúmeras culturas, mas não é capaz de formar um todo homogêneo.

Nesta realidade o homem se sente bombardeado por uma grande quantidade de informações, idéias, costumes, e tentando assimilá-los acaba perdendo sua identidade própria. Se sente perdido e só. Um sociólogo e psicanalista, Raymond Bagnolo, em seu livro *A crise da personalidade na era da informação*, afirma o seguinte: “os sonhadores (...) expressam um sentido de solidão experimentada como existencial e inevitável, inerente à estrutura do mundo (...) totalmente isolado, o ser sente-se irrecuperavelmente perdido”. E por este motivo busca a todo custo coisas externas que preencham este vazio, disto deriva o consumismo desacerbado, a sexualidade potencializada, e outras tantas realidades que na maioria das vezes são mecanismos de defesa, dos quais o homem se utiliza com vistas a tornar sua existência mais ‘divertida’, ou até mesmo suportável.

Poder-se-ia questionar agora: qual é o lugar de Deus e da religião nesta sociedade? Deixando de lado as reinterpretações de Deus, que fazem dele um mero mecanismo de salvação, ou um consultor financeiro, ou um “amiguinho” para as horas difíceis da vida; e as que fazem da religião um negócio lucrativo, ou um palco para se

lançar novos talentos; pretende-se somente pontuar duas questões que estão diretamente ligadas uma a outra.

Desde o início do século XIX, e até antes dele um sentimento antirreligioso permeava a cultura, como se viu no item anterior, os valores não mais se baseavam na divindade, mas sim na realidade da vida humana, isto se refletiu de forma intensa em toda a cultura. O homem sem Deus perde o rumo, a direção e se esvazia de si, ficando no estado anteriormente citado. Um filósofo alemão desta época narra com muita propriedade a morte cultural de Deus, o texto pode aparentar ser um pouco sensacionalista ou forte demais, mas expressa o sentimento que está embutido na angústia do homem contemporâneo. Em tal situação a religião perde também o seu sentido primeiro: proporcionar uma aproximação e uma relação mais íntima com Deus. É acusada neste período de ser o ópio do povo, de proporcionar a alienação da realidade, de atrasar o grande progresso da humanidade. Ela acaba sendo excluída culturalmente.

Contudo aqui poder-se-ia questionar estas afirmações, pois atualmente há uma grade busca do divino, não só em nossa Igreja, mas também em outras comunidades religiosas. Mas pode-se perguntar: que tipo de busca é esta? Será que não é movida por uma busca estéril de salvação? Já que a finalidade única da busca de Deus é isto. Ou ainda não se busca um consultor financeiro para os problemas econômicos? Ou então um ombro amigo para ajudar a resolver os problemas? Aqui de forma alguma quero julgar e condenar, mas estas atitudes muitas vezes não levam a um encontro pessoal com Deus, são buscas externas que visam resolver problemas imediatos. A verdadeira e necessária busca vem do coração, pois é uma necessidade de estar com Deus e com os irmãos, de vivenciar, não por obrigação, mas por amor, seus mandamentos. E este é nosso desafio: como desenvolver esta consciência nos catequizandos, para que eles possam entender o que é a religião, a sua importância na vida humana, e viver de acordo com a fé.

A formação da consciência

Como educador, apesar de o ser de forma informal, o catequista deve sempre buscar conhecer melhor quem é o homem, quais as suas peculiaridades para que assim seu trabalho seja mais efetivo. Por isto neste item tratar-se-á da estrutura do pensamento humano, e como podemos realmente proporcionar um aprendizado e

uma formação de consciência. Um pensador alemão do século XVIII, responsável pelo maior estudo sobre a capacidade cognitiva, Immanuel Kant afirma que possuímos aquilo que ele denominou de a faculdade esquemática, esta é que proporciona a produção do conhecimento. Ela é responsável por relacionar as várias realidades que apreendemos.

Como exemplo tomemos um bolo, para poder afirmar que conhece o bolo, deve-se apreender a realidade de cada ingrediente, de como se deve misturá-los, o tempo de assar, os confeitos que nele devem ser feitos e por fim provar tal. Somente assim é que se pode dizer que se conhece um bolo. E todas as realidades obedecem esta mesma ordem. Percebe-se assim que em primeiro conhecemos as coisas simples que em conjunto formarão o objeto a ser conhecido (do simples para o complexo). Primeiro obtemos as informações – dados sobre determinada realidade – e depois reunimos estes de forma tal que acabamos compondo a realidade como é, formando um conhecimento sobre ela.

A sociedade atual é conhecida como a *Era da Informação*, pois com o desenvolvimento das tecnologias, principalmente dos Meios de Comunicação em Massa (MCM), as informações chegam a todos de forma rápida e eloquente. Também, só que em um sentido pejorativo, são assim denominadas porque não incentivam, em sua maioria, o homem a processar uma esquematização e produzir o conhecimento. Por exemplo, as notícias da TV sempre vêm acompanhadas de um comentário, não há a necessidade de senso crítico para as analisar.

Os filmes e novelas possuem uma matriz básica, pouquíssimos fogem a esta regra, existe um bandido, um mocinho, uma donzela o primeiro faz os outros dos sofrerem sempre, mas no fim ele recebe seu castigo, o mocinho fica com a donzela no fim e vivem felizes para sempre. Não é preciso pensar, pois apesar de toda a tecnologia dos filmes atuais, a matriz do enredo é a mesma. As músicas, por mais que sejam expressão de uma determinada comunidade social, em sua maioria não trazem conteúdo, são mais som, batuque e ritmo, não são conscientizadoras, e nem proporcionam uma reflexão.

E o produto de tudo isto é uma alienação da realidade. No que diz respeito à religião, o processo é o mesmo, pois as crianças e os adolescentes não são levados a refletir sobre os temas tratados, mas a assimilar dados desconexos. Uma assimilação estéril, pois não proporciona resultados efetivos de formação de consciência, tornar-se-ão cristãos de fachada, com uma fé frágil, e muitas das vezes

quase nunca vivenciada. E, poder-se-ia perguntar: como mudar esta situação é a respeito disto que trataremos no item a seguir.

Para uma pedagogia cristã

É claro que não se pode resolver todos os problemas, mas sim se pode resolver os problemas que dizem respeito à catequese. Em outras palavras proporcionar uma educação religiosa que prime o conhecimento das verdades da fé, que eles possam entender o que são, qual a sua importância e o porque vivê-las. Enfim proporcionar a criação de uma consciência diferente da que eles vivem, que analisa e compreende os porquês. Um sociólogo francês chamado Edgar Morin vem a algum tempo pesquisando qual seria, na sociedade atual, a melhor forma de ensino visando proporcionar aos educandos/catequizandos uma visão clara e completa da realidade. Afirma em um de seus livros que "mais vale uma cabeça bem feita do que uma bem cheia" não importando assim a quantidade de coisas ensinadas nas a qualidade.

E, o que seria esta qualidade? Seria um ensino no qual demonstramos o objeto, mas também as causas e as consequências, apresentando assim todo o conjunto. Relembrando um pensador holandês do século XVII, Blaise Pascal, que afirma que "o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes", Morin exalta a necessidade de o educador demonstrar aos estudantes todos os temas que fazem parte do assunto trabalhado, como também a Inter-relação entre eles. Mas para a formação de consciência da criança e do adolescente não basta somente a compreensão de todo o conjunto, porque ele já traz consigo, quando vem para a catequese: anos de aprendizado, vários conteúdos ensinados pela família, amigos e escola.

O psicólogo russo, Lev Vygotsky, foi o primeiro autor a chamar atenção à importância do envolvimento ambiental no desenvolvimento da criança e no processo de formação da mente. Podendo-se afirmar que o seu projeto consistia em uma tentativa de estudar os processos de transformação em uma dimensão *histórico-cultural*. Como o próprio autor afirma: "O pensamento não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas" Afirmava a existência de uma *Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD)*, um período no qual a criança ainda não consegue,

sozinha, desenvolver atividades e compreender realidades, pois estas funções ainda estão em processo de maturação no indivíduo.

E este período vai desde pequeno até os 14 anos, quando ela já consegue sozinha formar racionalmente, sem a ajuda de outrem seus próprios conteúdos. A função do educador, neste caso em especial do catequista, é auxiliar na maturação, incentivar os conteúdos que são positivos e corrigir aqueles transviados. Percebe-se assim que para que a catequese seja efetiva devemos em primeiro nos inserir na vida e história de nossos catequizandos, observar e trabalhar com os conteúdos que eles trazem, proporcionando assim um diálogo. Em segundo deve-se inserir também na realidade atual da sociedade, que como se pode perceber nos itens anteriores retira do homem aquilo que lhe é mais próprio a sua identidade pessoal o seu ser.

Por fim deve-se questionar aquilo que não vai e encontro com a doutrina, proporcionar um diálogo, onde todos possam falar e perceber no que estão errando. Aqui se pode retornar a introdução deste pequeno ensaio, pois tal atitude consiste exatamente na posição de São Paulo que com sabedoria de Deus adaptou-se à realidade dos tempos e povos, e com força também Dele, impediu a perda da essência e a espiritualidade do que foi pregado.

Considerações Finais

O catequista orgânico e, necessita não só de informação, mas também de formação de qualidade para que possa trabalhar em sua comunidade com as questões culturais, sociais e políticas, como a globalização, o consumismo e a falta de sentido, dentre outros temas, que estão presentes em nossa sociedade e nas diversas culturas que começaram a fazer parte de nosso dia a dia.

Como vimos há uma grande questão, que gera grandes danos à religião: o sentimento anticlerical e antirreligioso que permeia esta época, gerando uma inversão nos valores, daquilo que é bem e mal presente em nosso meio a partir da mídia e do sistema capitalista que tem unicamente o objetivo de fomentar o consumismo, promovendo com isso um vazio existencial.

Assim para poder-se compreender e refletir melhor sobre toda esta situação e os desafios que o catequista deve enfrentar com sabedoria e força, propomos neste artigo uma pequena incursão na história para demonstrar como toda esta situação se formou, procurando analisar as suas consequências, estudando assim a estrutura do

pensamento humano, para poder-se traçar um ou mais métodos de catequese com a finalidade de: primeiro proporcionar um diálogo e depois desenvolver no catequizando a consciência cristã e uma espiritualidade, promovendo assim uma catequese madura e conseqüentemente de melhor qualidade.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CRUZ, Therezinha. **A catequese e o desafio da cidade**. São Paulo: Paulinas, 1994.

IGREJA CATÓLICA; Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Catequese renovada: orientações e conteúdo**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. 139 p.1984

IGREJA CATÓLICA; Papa (1978- : João Paulo II). **A catequese hoje: exortação apostólica Catechesi tradendae de Sua Santidade o Papa João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja sobre a cateque**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. 88 p.1980

LIMA, Luiz Alves de. **A face brasileira da catequese: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório 'catequese renovada'**. Roma: Universidade Pontifícia Salesiana, 1995.

LÉVY, Pierre. **O Universal sem totalidade a essência da cybercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MESTRE ECKHART. **Sermões**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VYGOTSKY. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TERRA, João Evangelista Martins. **Historia da catequese**. São Paulo: Loyola, 1982.